

A RELEVÂNCIA DA MEMÓRIA E IDENTIDADE NA FORMAÇÃO DO PERTENCIMENTO ESTUDANTIL NA MODERNIDADE LÍQUIDA

THE RELEVANCE OF MEMORY AND IDENTITY IN THE FORMATION OF STUDENT BELONGING IN LIQUID MODERNITY

Recebido em: 06/09/2023

Aceito em: 23/01/2023

Publicado em: 25/02/2024

Izabel Alves Macedo Mendes¹ 

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Vila Real/Portugal)

Armando Paulo Ferreira Loureiro² 

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Vila Real/Portugal)

Resumo: Este artigo compõe uma tese de doutorado em desenvolvimento e tem como objetivo primordial a análise da importância da memória e identidade institucionais na formação do sentimento de pertencimento do aluno em uma instituição de ensino. A temática é abordada por meio de uma narrativa que intercala conceitos, experiências e várias vozes, contribuindo para um debate contextualizado e interdisciplinar. Assim, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, devido à subjetividade dos fenômenos examinados, concentrando-se numa extensa revisão de literatura, uma vez que a análise dos dados ainda não foi realizada até o momento. O estudo destaca os desafios que se apresentam no âmbito do processo de ensino-aprendizagem considerando as complexas interações das identidades na modernidade líquida, impulsionada pelo processo de globalização e avanço tecnológico. A abordagem sobre a temática da memória, identidade e pertencimento em suas diversas dimensões visa contribuir para o aprofundamento e o entendimento desses aspectos desafiadores, buscando medidas mais eficazes de lidar com a diversidade no contexto educacional. Por meio da exploração da temática, almeja-se não apenas enriquecer o conhecimento acadêmico, mas também contribuir para a construção de políticas públicas mais equitativas e inclusivas nas instituições de ensino.

Palavras-chave: Memória; Identidade; Pertencimento; Alunos; Instituições de Ensino.

Abstract: This article is part of a doctoral thesis in progress and its main objective is to analyze the importance of memory and institutional identity in forming a sense of belonging among students at an educational institution. The theme is approached through a narrative that interweaves concepts, experiences and various voices, contributing to a contextualized and interdisciplinary debate. Thus, the research adopts a qualitative approach, due to the subjectivity of the phenomena examined, focusing on an extensive literature review, since data analysis has not yet been carried out. The study highlights the challenges presented by the teaching-learning process, considering the challenges of identities in liquid modernity, driven by the process of globalization and technological advances. The approach to the theme of memory, identity and belonging in its various dimensions aims to contribute to a deeper understanding of these challenging aspects, seeking more effective measures to deal with diversity in the educational context. By exploring this theme, the aim is not only to enrich academic knowledge, but also to contribute to the construction of more equitable and inclusive public policies in educational institutions.

Keyword: Memory; Identity; Belonging; Students; Educational Institutions.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Vila Real/Portugal). E-mail: izabelalvesmacedo@yahoo.com.br

² Professor Associado com Agregação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, investigador integrado do Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Universidade do Porto. E-mail: aloureiro@utad.pt

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa faz parte de uma tese de doutorado em andamento, tendo como objetivo principal abordar a relevância da memória e identidade institucionais na formação do sentimento de pertença do aluno a uma instituição de ensino. No atual cenário, marcado pela modernidade líquida e impulsionado pela globalização e avanços tecnológicos, as identidades e os processos associados à sua construção enfrentam desafios significativos. Nesse contexto, somos confrontados diariamente com a emergência da vida moderna, impulsionada pelo avanço vertiginoso da tecnologia.

Assim, além de lidarmos com os desafios inerentes a essa realidade, enfrentamos ainda a constante necessidade de atualização de conteúdos, informações e conhecimentos, como também a incessante busca por um espaço no competitivo mercado de trabalho. A combinação de todas essas atividades demanda uma parcela considerável do nosso tempo e nos leva a refletir sobre a forma como vivemos e nos adaptamos a esse ritmo acelerado, marcado pelo imprevisto e incerteza. No contexto da modernidade líquida, termo cunhado por Zygmunt Bauman (1995), as identidades tornam-se fluidas e sujeitas a constantes transformações. A rapidez das mudanças tecnológicas e a influência da globalização trazem consigo múltiplas referências culturais e sociais, que, por sua vez, podem impactar a formação da identidade individual e coletiva dos estudantes.

Diante desse cenário, a memória tem importante papel na formação das identidades institucional e individual, sendo um ponto de referência entre o passado e o presente. Por meio da preservação da memória coletiva, a instituição pode consolidar sua história, valores e tradições, de forma a transmitir esses princípios aos alunos, fortalecendo seu senso de pertencimento. No entanto, a aceleração implacável da história compromete cada vez mais as questões relacionadas à memória, uma vez que estamos constantemente imersos em uma busca incessante pelo novo. Nesse cenário, as tradições e costumes do passado muitas vezes são deixados de lado, relegados a um segundo plano e a memória da coletividade se dissipa gradualmente, perdendo sua força e importância na medida em que somos impulsionados a seguir em frente, sempre em busca do próximo acontecimento ou novidade, de forma que as lembranças sutilmente vão sendo apagadas.

De acordo com Nora (1993, p. 7),

essa aceleração resulta em uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida –

uma ruptura de equilíbrio. O arrancar do que ainda sobrou do vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral sob o impulso de um sentimento histórico profundo. A ascensão à consciência de si mesmo, o fim de alguma coisa desde sempre começada. Fala-se de memória porque ela não existe mais.

Nesse contexto, a presente pesquisa busca explorar como a memória coletiva e a identidade institucional podem ser conservadas e fortalecidas, diante dessa conjuntura. Ademais, compreender a importância desses elementos na formação do sentimento de pertença dos alunos permitirá o desenvolvimento de estratégias e práticas que promovam uma conexão profunda entre a instituição e seus membros.

Considerando esses aspectos, esta pesquisa segue a seguinte estrutura: inicialmente, serão explorados os conceitos sobre memória e identidade sob a ótica das Ciências Humanas e Sociais, com base no pensamento de autores clássicos, renomados no assunto. Em seguida, será analisado o papel da escola como um espaço de construção de memórias coletivas e identidades individuais, utilizando uma abordagem sociocultural. Posteriormente, serão abordados os desafios da fragmentação das identidades líquidas no contexto escolar, à luz das teorias de Zigmunt Bauman e Stuart Hall.

Para tanto, a pesquisa apresentada é de natureza qualitativa, baseada numa revisão de literatura bibliográfica. Assim, foram consultadas diversas fontes relevantes, como livros, artigos científicos e publicações especializadas, a fim de obter uma ampla compreensão dos temas abordados. Essa estratégia metodológica permite aprofundar o conhecimento sobre o assunto, fornecendo uma base sólida para as discussões e reflexões recorrentes ao longo deste percurso, explorando os principais debates e perspectivas teóricas, de forma a contribuir para um quadro conceitual consistente.

DISCUTINDO OS CONCEITOS DE MEMÓRIA E IDENTIDADE SOB A ÓTICA DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Partindo do pressuposto de que a memória é lugar de reflexões, e ainda, sob a precaução de Jaques Le Goff (1990, p. 366), cujo autor pondera que “o conceito de memória é crucial”, o estudo em pauta, não ambiciona “descrever sumariamente a nebulosa memória no campo científico global”, descartando-se pois, os seus enfoques neurofisiológicos e outras abordagens de ordem psicanalíticas. Assim, o artigo tem como objetivo explorar, de forma aprofundada, os aspectos conceituais acerca desses elementos de grande representação simbólica.

No entanto, concentraremos nossa atenção, aos conceitos postulados nas ciências humanas, especificamente na história e na antropologia, os quais se ocupam das memórias coletivas e individuais. Portanto, é fundamental a sua conceituação, que será efetuada com base nas teorias clássicas, de autores de notável envergadura, entre os quais destacam-se Maurice Halbwachs³, Pierre Nora⁴, Jacques Le Goff⁵, Michel Pollak⁶ e Joel Candau⁷. A diversidade de perspectivas e abordagens desses teóricos ampliam nosso entendimento sobre a complexidade e a multidimensionalidade da memória humana, abrindo espaço para futuras pesquisas e aprofundamentos nessa área.

Mormente, diante da relevância das memórias coletivas e individuais no contexto social, é importante explorar ainda mais as influências, dinâmicas e implicações desse fenômeno na construção da identidade, bem como na transmissão cultural e social. Logo, no calor dessa discussão, Candau (2019, p.9) destaca a existência de um consenso em relação à memória, reconhecendo-a, como uma reconstrução continuamente atualizada do passado, em vez de uma reconstrução fiel dos acontecimentos.

Ademais, é fundamental esclarecer que, de acordo com Jean Duvignaud, no prefácio da obra "A Memória Coletiva", Maurice Halbwachs ressalta a importância da trajetória pessoal da memória e a sucessão dos eventos individuais. Nessa perspectiva, Duvignaud (1998, p.10), ao comentar sobre a referida obra, destaca que as mudanças nas nossas relações com os grupos aos quais estamos envolvidos e as relações estabelecidas são resultados da interação entre os eventos individuais e os quadros sociais.

Destarte, Maurice Halbwachs é um teórico que vem ganhando destaque nas ciências sociais, por ser um dos precursores dos estudos sobre a memória. Em sua obra, *A Memória Coletiva*, Halbwachs (1990) argumenta que a memória em seu aspecto coletivo e social emerge a partir dos acontecimentos e vivências que podem ser requeridas por intermédio das relações sociais, vivenciadas por diversos grupos ou por tabela. No entanto, o autor acrescenta que as lembranças se constituem por meio das interações e das relações de pertencimento aos grupos, tendo em vista que a memória coletiva apenas sobrevive a partir das lembranças preservadas

³ A Memória Coletiva, 1990 [1968].

⁴ Entre a Memória e a História: A Problemática dos Lugares, 1993.

⁵ História e Memória, 1990 [1924].

⁶ Memória e Identidade Social, 1992.

⁷ Memória e Identidade, 2019.

pela coletividade, pois, ainda de acordo com o autor, “cada um de nós, com efeito, é membro ao mesmo tempo de vários grupos, maiores ou menores” (HALBWACHS, 1990, p.70).

Nesse contexto, as reflexões de Halbwachs foram pioneiras ao estabelecer uma ligação fundamental entre a memória e o aspecto social, evidenciando a existência de uma relação íntima entre o individual e o coletivo. Segundo o autor, a maioria das lembranças de uma pessoa está intrinsecamente ligada a momentos compartilhados, influenciadas pelo ambiente familiar, trabalho, escola e pela comunidade em que se vive. Nessa perspectiva, mesmo quando uma lembrança individual não envolve, diretamente, outras pessoas, ela ainda se encaixa no contexto das memórias coletivas. Esse fenômeno acontece, tendo em vista que as memórias individuais não são entidades autônomas, mas estão enraizadas nas memórias coletivas, funcionando como um quadro de referência e uma base compartilhada para a construção e a reconstrução das lembranças individuais. Sendo assim, a interação entre memória individual e memória coletiva é fundamental para a formação da identidade pessoal e para a coesão social dos grupos e das comunidades.

Desse modo, Halbwachs acrescenta ainda que ao reunir nossas lembranças com as de outras pessoas, é possível descrever com precisão os fatos e objetos que foram presenciados em conjunto, reconstruindo até mesmo a sequência de nossas ações e palavras em circunstâncias específicas, mesmo que não nos recordemos de tudo de forma individual. Para o autor,

a memória individual existe, mas ela está enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência reaproxima momentaneamente. A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados. Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação destes diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem (HALBWACHS, 1990, p. 9).

De forma análoga, Pierre Nora, reconhecido pela grandiosidade dos seus trabalhos acerca dos lugares de memória, concentra-se na relação entre memória e identidade francesa, destacando que a memória está sujeita à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas próprias distorções ao longo do tempo, vulnerável a diferentes usos e manipulações. Fiel observador e sensível a essas questões, o autor observa que a memória tanto pode permanecer latente por longos períodos, como também pode ser revitalizada, de forma

repentinamente. Mediante tal complexidade, o autor argumenta que a memória está sempre no imaginário de diversos grupos sociais, “em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações” (NORA, 1993, p. 9).

Nessa perspectiva, Nora também introduz o conceito de “lugares de memória”, argumentando que esses lugares não se referem apenas a espaços físicos, mas são restos e vestígios simbólicos que adquirem importância especial em uma sociedade que, de outra forma, perdeu seus rituais e sua sacralidade. Esses lugares são marcadores de identificação e pertencimento a um grupo em uma sociedade que valoriza cada vez mais a individualidade e a igualdade. Ainda de acordo com Nora (1993, p.12-13), os lugares de memória, “são antes de tudo, restos [...] rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; [...] sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos”.

Desse modo, a obra de Nora destaca que a memória coletiva é um elemento basilar na construção da identidade nacional, em que os lugares de memória são símbolos e pontos de referências que ajudam a preservar a conexão entre o passado e o presente, fornecendo um alicerce comum de reconhecimento e pertencimento em uma sociedade cada vez mais individualista e homogeneizada.

Não obstante, Pollak (1992) acrescenta que a memória é um fenômeno, não apenas individual, como também coletivo, construído de forma conjunta e sujeito a flutuações e mudanças constantes. Para o autor, a memória não é estática, mas sim um processo dinâmico influenciado pelas interações sociais e pela cultura. Sendo assim, Pollak (1992, p. 2) também identifica três tipos de acontecimentos que contribuem para a formação da memória, em que o primeiro são os acontecimentos “vividos pessoalmente”, incluindo as experiências diretas de alguém que deixa registrada uma marca em sua memória.

O segundo são os acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, em grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer, mesmo que não tenha participado diretamente. De acordo com Pollak, esses acontecimentos adquiriram um significado tão grande no imaginário coletivo que é difícil para a pessoa distinguir se realmente participou ou não.

Já o terceiro são os eventos que não se enquadram no “espaço-tempo” da pessoa ou do grupo. Estes não foram vividos diretamente, mas são incorporados à memória por meio do

processo de socialização política ou histórica, denominada por Pollak de memória herdada, devido a uma forte identificação com um passado específico.

Mormente, Pollak (1992), destaca a estreita relação entre memória e identidade, afirmando que a memória é um elemento constituinte do sentimento identitário, tanto individual quanto coletivo, porém o autor pondera que, quando herdada, a memória está intrinsecamente ligada ao sentimento de identidade, contribuindo para a sensação de continuidade de uma pessoa ou grupo em sua autopercepção. Ainda para Pollak (1992, p. 5),

a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo.

Ampliando a discussão, Le Goff (1990) corrobora o exposto, destacando a importância entre o presente e o passado para a construção da memória, tanto individual quanto coletiva, tendo em vista que ambos são indispensáveis e indissociáveis para essa relação. De acordo com o autor, “nas sociedades, a distinção do presente e do passado (e do futuro) implica essa escalada na memória e essa libertação do presente que pressupõem a educação e, para além disso, a instituição de uma memória coletiva, a par da memória individual” (LE GOFF, 1990, p. 181). Assim, Le Goff ressalta a relevância da conexão entre o momento atual e o passado, defendendo que essas dimensões temporais são fundamentais e indissociáveis nessa jornada.

Adicionalmente, seja por meio da memória individual ou coletiva, Candau (2019) enfatiza que a memória é um fenômeno que nos permite revisitar o passado, por meio das lembranças, uma vez que nenhum ser vivo na face da terra escapa da influência do tempo, cuja ação também se manifesta sobre os seres inanimados, os quais passam por um processo de deterioração em consequência do envelhecimento. Nessa perspectiva, o autor acrescenta ainda que as memórias que guardamos de cada época da nossa vida se reproduzem sem cessar e permitem que se perpetuem, enfatizando que sem lembranças o sujeito é “aniquilado”. Com essas reflexões, o autor reforça a importância do papel das lembranças na preservação da identidade e na continuidade do sujeito ao longo do tempo, evidenciando sua natureza dinâmica e sua participação fundamental na transmissão cultural, nas escolhas individuais e nas decisões coletivas. Para o autor, “a memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo, um

objetivo sempre alcançável, um conjunto de estratégias, um estar aqui que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dela” (CANDAUI 2019, p. 17).

Mediante essas abordagens, é importante se atentar para a memória individual e coletiva, tendo em vista a relevância de ambas para o trabalho em pauta. No entanto, Candau aponta para a complexidade da compreensão da passagem do individual para o coletivo, salientando que este é um dos objetivos da antropologia. Nesse sentido o autor, apresenta o seguinte questionamento:

[...] se existe essa passagem, isso quer dizer que podemos observar um momento no qual a memória e identidade de um indivíduo são ainda livres de toda influência coletiva e outro no qual elas se manifestam exclusivamente sob a influência de determinismos sociais e culturais? Ou será uma questão de grau, densidade? Então, como observar os limiares em que as noções de memória e identidade individuais serão pertinentes e em que, além disso, aquelas de memória e identidade coletivas terão um fundamento empírico? (CANDAUI, 2019, p.11).

Com efeito, há consenso entre os autores abordados acerca da estreita relação entre memória e identidade, ressaltando que ambas desempenham um papel fundamental na construção e manutenção dos processos identitários, tanto individual quanto coletivo. Por meio das lembranças, os indivíduos têm acesso a uma variedade de elementos simbólicos que favorecem a definição dos grupos sociais, fortalecem a transmissão cultural, preservam as tradições e formam laços de pertencimento.

A ESCOLA COMO LUGAR DE MEMÓRIA, IDENTIDADE E PERTENCIMENTO: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA ABORDAGEM SOCIOCULTURAL

Partindo do princípio de que a construção da identidade dos indivíduos é fortemente influenciada pelo ambiente educacional, é importante reconhecer esse espaço, também como um local, onde as memórias são vivenciadas e as lembranças guardadas. Assim, a instituição de ensino desempenha um importante papel, além da transmissão do conhecimento acumulado ao longo dos séculos, pois se torna um local de memória, identidade e pertencimento, exercendo uma função fundamental na formação dos indivíduos.

Particularmente, cada escola possui sua própria história, sua cultura, suas memórias coletivas e é raro encontrar alguém que não tenha passado por um ambiente escolar e que não guarde alguma recordação de uma etapa da vida relacionada a um espaço educacional. Ao longo dos anos, infinitas instituições de ensino são testemunhas da chegada de estudantes ávidos por

conhecimentos. Entre risadas, brincadeiras, horas de estudo, momentos de reflexão e encontros memoráveis, aqueles que adentram os portões de uma escola, certamente, fazem dela a sua segunda casa.

Nesse sentido, Barbosa (2017, p. 89) acrescenta que,

a sequência de gerações estabelece também uma relação anônima entre os indivíduos numa dimensão temporal, que são assim nomeados e qualificados como contemporâneos, predecessores e sucessores, criando um encadeamento do tempo vivido não mais individualmente, mas de maneira anônima em sociedade.

Com base no exposto, é inegável a relevância da relação entre as gerações na construção coletiva da sociedade e no compartilhamento da memória, identidade e pertencimento. Ao reconhecermos os diferentes grupos etários e suas conexões temporais, somos capazes de compreender melhor as transformações e mudanças ao longo do tempo. Essa reflexão nos convida a repensar nossas interações com as experiências passadas, valorizando o legado que recebemos e a responsabilidade que temos na construção do futuro desejado. Nesse sentido, Costa (2013, p. 32) enfatiza que a escola é o lugar, “onde essas memórias se perpetuam e se dinamizam tendo em vista a grande rotatividade de pessoas e lembranças que ali são estabelecidas e deixadas por aqueles que um dia fizeram parte desse grupo social”.

Assim, a escola se apresenta como um espaço contínuo, onde as lembranças podem ser preservadas, as identidades moldadas e os estudantes convidados a participar ativamente dessa jornada de aprendizado e pertencimento. Por meio das interações e das práticas cotidianas, esses processos são muito intensos no ambiente escolar, mesmo que de maneira inconsciente, influenciando a percepção e a experiência dos indivíduos no momento presente. Conforme destacado por Nora (1993, p. 9), “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente”. Com essa afirmação, o autor atesta que a memória não se restringe apenas ao passado, mas está constantemente sendo ativada e reinterpretada, influenciando a construção das identidades individuais e coletivas.

Desse modo, ainda de acordo com Nora, a memória possui uma presença concreta e tangível, sendo parte integrante da experiência humana, manifestando-se na materialidade do ambiente escolar, nas histórias compartilhadas, nas tradições mantidas e nas lembranças, construídas ao longo do tempo, uma vez que de acordo com o autor, “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (NORA, 1993, p. 9). Logo, com base no entendimento de Nora, fica evidente a importância do espaço físico e dos objetos presentes na

escola, como elementos que contribuem para a construção das memórias e identidades individuais e coletivas.

Nessa perspectiva, a escola desempenha um papel essencial como um espaço privilegiado para vivenciar e preservar memórias. Além disso, uma instituição de ensino exerce influência na construção das identidades dos alunos, contribuindo para sua formação integral, ao mesmo tempo, em que mantém uma conexão significativa entre as dimensões temporais, abrangendo o passado, o presente e o futuro. Nesse contexto, é importante ressaltar que embora Le Goff (1990) não tenha especificamente abordado essa conexão entre escola, memória e identidade, sua obra, *Memória e História* também nos fornece uma base sólida para compreender a importância do tempo, da historicidade e da formação das identidades na sociedade.

Esses componentes mobilizados conjuntamente exercem influência significativa na formação do caráter, da postura ética e política, bem como na identidade do aluno. Diante do exposto, Carvalho (2012, p. 210) observa que,

a identidade aponta para o processo de interação dos indivíduos nos diversos espaços sociais nos quais buscam construir uma gama de sentidos de si mesmos e, simultaneamente, do outro. Esse processo de conhecimento não se reduz, contudo, apenas a um conjunto de crenças e representações sobre si mesmo e do outro, mas, também, pelo ambiente social no qual estão inseridos que se convergem na produção da identidade.

Diante do exposto, de acordo com o autor, por meio da interação social, nossa identidade proporciona infinitas possibilidades, sendo que as instituições sociais são organismos importantes no processo identitário, por serem responsáveis pela construção e produção do conhecimento e também espaços que permitem o compartilhamento de experiências mútuas nas relações interpessoais, dentro das suas estruturas, modelos e funcionamentos específicos, previamente estabelecidos.

De fato, a escola assume um papel central na preservação das memórias coletivas, ao proporcionar um espaço de reflexão, diálogo e aprendizado sobre o passado, correlacionando-as, com as vivências e perspectivas do presente. É nesse contexto que as memórias individuais e coletivas se entrelaçam, formando a identidade dos estudantes e contribuindo para a construção de uma consciência histórica e cultural. Ao valorizar esses elementos subjetivos como parte integrante do currículo e das práticas pedagógicas, a escola possibilita que os

estudantes imerjam em suas raízes, compreendam sua trajetória e se situem no mundo de forma mais consciente e significativa. Portanto, de acordo com Costa (2013, p. 24),

pensar a escola como um centro recriador da memória, da história e da cultura local, significa dar consequência a uma prática educativa que, ao procurar articular saberes vividos e praticados com o conhecimento escolar, com a memória e com a história local, busca reinventar a escola como um espaço de sociabilidade e de práticas culturais diversas.

Assim, a integração das experiências vivenciadas e praticadas pela comunidade ao processo educativo é importante para a construção de uma escola mais inclusiva e democrática. Entretanto, é fundamental refletir criticamente sobre como as memórias e as identidades são formadas e reproduzidas ao longo do tempo, observando se há espaço para a inclusão de diferentes perspectivas e experiências na construção identitária.

No contexto escolar, é importante valorizar a memória institucional, promovendo atividades que fortaleçam o senso de pertença dos alunos. Desse modo, engajar os educandos em projetos que explorem a história e a cultura da escola, não só os integram ao processo de ensino aprendizagem, mas também os comprometem com o ambiente em que estão inseridos. Trabalhos com a formação do acervo fotográfico, elaboração do histórico institucional, com base em relatos dos próprios servidores, ativos e inativos, colaboradores externos, bem como na escuta de ex-alunos, além de desenvolver habilidades de pesquisa, escrita e comunicação, trazem grandes contribuições para a composição do acervo institucional.

Essas atividades, além de serem fontes de dados históricos legítimas, agregam conhecimento e aprendizagem colaborativa, fortalecendo o vínculo entre aluno, comunidade e instituição de ensino. Sendo assim, é importante considerar a diversidade de perspectivas e experiências, com a inclusão de diferentes vozes na construção da identidade escolar, com vistas a garantir o registro dos diversos atores que fizeram parte de cada etapa dessa história. Nesse sentido, Ribeiro (2013, p. 66), assim se manifesta,

quando uma organização produz o registro da história, busca as narrativas e memórias de funcionários e personagens envolvidos no processo de produção e construção da empresa. Além de contribuir para a história da empresa, o registro de histórias de vida [...] pode gerar vínculos afetivos e ligações emotivas.

Por conseguinte, ao abordar o registro nas organizações, Ribeiro (2013) deixa evidente a sua importância para todos os segmentos, sugerindo que essa atividade, quando implementada

no contexto educacional, contribui também para a valorização dos sujeitos envolvidos na formação e evolução da instituição. Isso ocorre devido à ênfase dada às memórias resultantes de anos de contribuição em um determinado contexto escolar. Essa prática, além de humanizar o processo, torna-se mais sólida e próxima da realidade, criando vínculos afetivos e conexões emotivas significativas.

Assim, o trabalho com a memória institucional, além de resguardar a sua história e, conseqüentemente, construir uma identidade sólida, busca também colher na oralidade, fragmentos de uma memória dilacerada com o tempo, dando voz e protagonismo aos atores que trazem em suas lembranças, preciosos registros que se transformarão, por meio da escrita, em documentos e fontes históricas, tendo em vista que como bem descreve Santos e Valentim (2021, p. 218) “o registro, independente do formato (impresso, digital, eletrônico) ou o contexto (valores, cultura etc.), possibilita a preservação e o acesso às informações e aos conhecimentos produzidos pelo sujeito na sua atuação perante a sociedade/comunidade a qual pertence”.

Nesse sentido, tais atividades quando compartilhadas com os alunos, permitem-lhes um maior aprofundamento nas questões relacionadas ao passado daquela instituição, oferecendo mecanismo e embasamento histórico para melhor compreender o presente. Esse mergulho em tais questões faz com que o aluno se sinta cada vez mais pertencente ao ambiente educacional, favorecendo vínculos afetivos e consolidando sua identidade com a instituição.

Mormente, uma escola que contemple em sua proposta pedagógica tais questões, passa a ser um espaço plural, onde em busca do conhecimento, indivíduos são colocados lado a lado, propiciando a ampliação do processo de socialização, iniciado ainda no ambiente familiar. Ademais, escola e família são duas instituições fundamentais no desenvolvimento, não apenas pessoal como intelectual dos indivíduos, responsáveis pela formação da identidade do sujeito, desenvolvida por meio do pertencimento, como também manifestada na pluralidade cultural ecoada no cotidiano escolar. Nesse sentido, Carvalho, (2012, p. 209), manifesta que,

as instituições sociais adquirem um importante significado no processo de construção da identidade, posto que se constituem no espaço de produção de saberes, de experiências, de interrelações, de comunicações, de intenções e das operações de sentido – simbólicas. Cada instituição social possui estrutura, modos e meios de funcionamento específicos. Nelas, as relações sociais são instituídas dentro de modelos culturais pré-estabelecidos, investidas de afetos e representações acerca do conjunto de relações e práticas que tem uma referência em comum, de tal forma que sejam acessíveis aos atores sociais.

Com efeito, a escola desempenha um papel essencial na formação da identidade dos indivíduos, promovendo o senso de pertencimento por meio da valorização da memória e identidade institucional. Além disso, a família e as instituições sociais também são de suma importância nesse processo. Ao reconhecer e preservar a memória coletiva, engajando o estudante nessas atividades, a instituição fortalece os laços entre seus membros, proporcionando uma base sólida para a construção das identidades individuais.

A FRAGMENTAÇÃO DAS IDENTIDADES LÍQUIDAS NO CONTEXTO ESCOLAR: DESAFIOS E SOLUÇÕES

No cotidiano de uma instituição de ensino, a atmosfera latente sugere uma abordagem que contemple as teorias de Stuart Hall e Zygmunt Bauman, renomados estudiosos das ciências sociais que alertam para a fragmentação das identidades no mundo contemporâneo, afetado pela influência da globalização. Ambos são referências para compreender os desafios da atualidade e desempenham papéis fundamentais ao trazerem contribuições significativas para a compreensão dos obstáculos enfrentados pela sociedade e, conseqüentemente, na educação. Suas obras são amplamente citadas e estudadas em diversas áreas das ciências sociais, e neste artigo, serão utilizadas de forma complementar.

Nas últimas décadas, a humanidade vivencia uma série de mudanças significativas nos padrões culturais, comportamentais e de consumo. A globalização trouxe consigo a interconexão dos países, a disseminação acelerada de informações e o acesso generalizado às tecnologias modernas. Essas transformações têm quebrado fronteiras e ultrapassado limites geográficos, resultando num impacto direto das identidades individuais e coletivas e é nesse contexto de fragilidade que Bauman (2005, p. 32) situa a identidade como o “papo do momento”, um assunto de extrema importância, em evidência. Para o autor, há apenas algumas décadas, a questão da identidade não estava nem perto do centro dos debates acadêmicos. Entretanto, Bauman alerta que, “no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam”.

Mormente, essa ruptura teve implicações profundas em todos os segmentos sociais, tendo em vista que, o mundo sólido, com suas estruturas estáveis e previsíveis, não pode mais garantir a segurança e a estabilidade necessárias para o desenvolvimento pleno das pessoas, em um período cada vez mais em estado de liquidez. De acordo com Bauman (2001, p.14),” os

sólidos são moldados para sempre. Manter os fluidos em uma forma requer muita atenção, vigilância constante e esforço perpétuo e mesmo assim o sucesso do esforço é tudo menos inevitável”.

No livro "Identidade" (2005), Bauman explora o conceito de liquidez e fluidez das identidades, destacando as transformações sociais e culturais em nosso mundo atual, resultando em uma profunda crise identitária. Ao longo de suas obras, Bauman desenvolveu os conceitos de "modernidade sólida" e "modernidade líquida" para abordar as mudanças sociais, políticas e culturais que ocorreram na transição da era moderna para a sociedade contemporânea. Esses conceitos ajudam a compreender as características da sociedade atual, em que as estruturas sociais estão menos estáveis, as instituições são mais frágeis e as relações sociais se tornaram mais voláteis.

Na perspectiva de Bauman (2005), a identidade, antes concebida como estável, duradoura e fixa, torna-se líquida, mutável e volátil na modernidade líquida, cuja transição gera um cenário de instabilidade e incerteza. Nessa nova fase, as estruturas sociais e instituições não conseguem mais fornecer a estabilidade e a segurança do passado, resultando na fluidez e mutação das identidades individuais. Desse modo, o autor utiliza a metáfora dos "fluidos" para descrever essa condição, ressaltando que os fluidos não conseguem manter uma forma por muito tempo e estão sujeitos a mudanças sob a influência das menores forças.

Em entrevista concedida a Porcheddu (2009), Bauman alerta que as mudanças atuais diferem das ocorridas no passado, colocando os educadores diante de desafios decisivos e sem precedentes na história humana. Nesse contexto, o autor destaca que a arte de viver em um mundo ultrassaturado de informações e a difícil tarefa de educar o ser humano neste novo modo de viver ainda precisam ser aprendidas. Portanto, considerando a fluidez e fragilidade das identidades na era globalizada, Bauman ressalta a necessidade de repensar o processo educacional diante dessa realidade.

Nesse contexto, Stuart Hall também contribui para a compreensão dos desafios enfrentados pela educação na sociedade contemporânea. Sua teoria abrangente destaca a natureza fluida e construída socialmente das identidades individuais. Seguindo essa perspectiva, Hall (2006) argumenta que a fluidez e a fragmentação das identidades contemporâneas conferem maior flexibilidade aos indivíduos, porém geram incerteza e ansiedade. Essa mudança nas sociedades modernas, em que estruturas e processos antes estáveis

estão em constante transformação, acarreta instabilidade na vida dos indivíduos. Nesse sentido, Hall chama a atenção para uma profunda crise identitária, em que,

as antigas identidades estão em declínio, dando lugar a novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, anteriormente concebido como um sujeito unificado. Essa transformação mais ampla desloca as estruturas e processos centrais das sociedades modernas, abalando os quadros de referência que forneciam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, p.7).

Mormente, buscando avaliar a referida crise, Hall utiliza o termo modernidade tardia, em cujo momento situa e explora algumas questões sobre a identidade cultural, que segundo o autor é “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso "pertencimento" a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (HALL, 2006, p. 8). Para o autor, tais requisitos possibilitam ao sujeito maior habilidade e flexibilidade para adaptar-se a novas situações que, por sua vez, vão demandar novos conhecimentos, no entanto esses atributos indicam que essas identidades não são fixas, são sempre inacabadas e em contínuo processo de construção, desenvolvendo-se no agir num mundo em mudança, sobretudo na contemporaneidade.

Nesse sentido, Costa, Monteiro e Mascia (2011) fazem um percurso sobre as principais mudanças que ocorrem na educação devido ao processo de globalização, destacando a escola da modernidade sólida, como uma instituição de massificação, organizada para atender às classes burguesas, a qual passou por diversas mudanças no século XX, buscando a democratização e a melhoria da qualidade educacional. As autoras apontam ainda para o rápido processo de expansão das instituições escolares, impulsionado por financiamento de bancos internacionais que resultou em um sistema educacional precário, com falta de planejamento e estrutura adequada.

Por conseguinte, Costa, Monteiro e Mascia (2011) argumentam ainda que as políticas educacionais baseadas em teorias e imposições de poder, aliadas à falta de confiança nas reformas, acabam reproduzindo um modelo educacional excludente e com poucas perspectivas. É consenso entre as autoras, que a transição da modernidade sólida para a modernidade líquida traz novos desafios para a escola, como o desinteresse pelo saber em favor da informação, a influência da mídia e a necessidade de repensar o currículo para atender às demandas atuais, exigindo a emergência de pensar em novos caminhos para a educação, considerando o contexto contemporâneo, mas sem se submeter à lógica de mercadoria imposta pela mídia.

Nesse sentido, Bauman (2009, p. 667) acrescenta que “nenhuma reviravolta da história humana pôs os educadores diante de desafios comparáveis aos dos nossos dias. Simplesmente não havíamos estado até agora em situação semelhante”. Na mesma entrevista concedida a Porcheddu (2009), Bauman alerta que os centros de ensino e aprendizagem estão sendo afetados por uma pressão desinstitucionalizante, sendo pressionados a abandonarem os princípios do conhecimento, em detrimento da privatização e individualização dos processos educacionais, bem como a substituição da relação professor aluno por uma dinâmica de fornecedor-cliente. Essas mudanças têm implicações significativas para a forma como a educação é concebida e praticada.

Nessa lógica, esse fato significa que as abordagens educacionais estão cada vez mais orientadas para interesses individuais, com foco na adaptação às necessidades específicas de cada aluno. Desse modo, observa-se uma substituição gradual e inevitável da relação tradicional professor-aluno por uma relação de fornecedor-cliente, ou seja, uma dinâmica semelhante à de um centro comercial em que o professor é visto como um provedor de serviços e o aluno como um consumidor. Essas mudanças têm profundas implicações para a educação, uma vez que a flexibilidade e a individualização podem levar a uma fragmentação do conhecimento, dificultando uma compreensão mais abrangente e crítica do mundo. Além disso, o aspecto comercial da relação entre professor e aluno pode acarretar numa visão utilitarista do ensino, em que o conhecimento é valorizado principalmente por sua aplicação imediata e monetária.

Mormente, a referida crise traz consigo problemas cruciais no contexto da educação em todas as suas modalidades. Em um mundo caracterizado por constantes mudanças, acentuado pelo sistema capitalista, observa-se a prevalência de classes exploratórias que, muitas vezes, massificam e oprimem as classes inferiores. Nesse sentido, é notório como tais desigualdades socioeconômicas impactam o acesso à educação de qualidade. As camadas mais vulneráveis da sociedade são frequentemente afetadas por falta de recursos, infraestrutura precária e oportunidades limitadas. Essa realidade perpetua um ciclo de exclusão e desigualdade, dificultando a ascensão social e o desenvolvimento pleno dos indivíduos.

Nessa perspectiva, Cavejon (2021) contribui com o exposto, ao abordar a educação brasileira e sua relação intrínseca com as desigualdades sociais, baseando-se nas reflexões de Bauman sobre a sociedade contemporânea. Ao explorar as ideias de Bauman, Cavejon analisa as características da modernidade líquida, buscando compreender como a fluidez, a individualização e a sociedade do consumo, manifestam-se no contexto educacional. Para

Cavejon, (2021, p. 28) “pensar educação na era líquida moderna talvez não se traduz numa tarefa simples, demanda compreender as vertentes que incluem, excluem, das relações sociais e como elas fazem e se desfazem dentro da dinâmica social”.

No contexto escolar, a abordagem baseada nas teorias de Hall e Bauman sugere o reconhecimento e valorização da diversidade de identidades e perspectivas dos estudantes, com vistas à promoção de uma educação que seja sensível às diferenças culturais, sociais e individuais, que encoraje o diálogo e a troca de experiências, e que prepare os alunos para lidar com a fluidez e complexidade do mundo contemporâneo. Desse modo os autores convidam-nos a repensar as abordagens educacionais frente à transformação e fragmentação das identidades, especialmente considerando a diversidade cultural e social dos estudantes provenientes de diferentes origens. Portanto, é fundamental que a escola se torne um espaço inclusivo, onde a pluralidade seja acolhida e valorizada, promovendo uma educação que estimule a reflexão sobre identidade, pertencimento e respeito mútuo. Dessa forma, estaremos não apenas, capacitando os alunos a enfrentar os desafios contemporâneos relacionados à construção de suas identidades, como também lhes fornecendo as ferramentas necessárias para se relacionar com um mundo em constante mudança.

Mediante o exposto, Almeida e Bracht (2009, s/p), ao se aprofundarem na reflexão sobre o pensamento de Bauman em relação à educação, ressaltam, com ênfase numa perspectiva histórica, a transição entre a escola da era moderna e a contemporânea. Nesse sentido, Almeida e Bracht reforçam a análise de Bauman ao destacarem que a escola, enquanto instituição responsável pela formação de indivíduos idealizados de acordo com o projeto da ordem moderna, demonstrava uma resistência à desordem, à ambivalência e ao caos. No entanto, os autores enfatizam que essa resistência era mais proeminente em um período passado. Com o avanço do tempo, a escola passou a enfrentar novos desafios e se viu diante da necessidade de se adaptar à realidade contemporânea, que demanda maior abertura para a diversidade e para as transformações sociais.

Portanto, além dessa resistência inicial, Almeida e Bracht (2009) acrescentam que havia um receio por parte da escola em relação a tudo o que fosse diferente dos mecanismos identitários promovidos pelo Estado nacional, porém essa postura, atualmente, vem sendo repensada. Ao destacar a aversão da escola à diversidade e à complexidade do mundo moderno, os autores enfatizam a importância de superar essa resistência para preparar os estudantes de forma a enfrentar os novos desafios. A instituição de ensino, ao se limitar a uma visão restrita

de identidade, rejeitando aquilo que foge dos padrões estabelecidos, acaba deixando de lado a formação de indivíduos críticos e adaptáveis, essenciais para enfrentar os desafios do presente.

Nesse sentido, considerando os apontamentos realizados sobre as limitações do modelo tradicional de educação e a necessidade premente de uma transformação no contexto educacional, é imprescindível que as instituições de ensino repensem suas propostas pedagógicas de forma a contemplar a diversidade cultural e social entre os estudantes. É fundamental promover reformulações significativas no currículo escolar, pois esse documento reflete não apenas o pensamento, mas também as práticas adotadas pelo corpo docente, devendo estar alinhado com uma proposta educacional que reconheça e valorize a fluidez identitária dos alunos.

Contudo, ao abordar a crise da modernidade e, mais especificamente, a relação entre a liquidez do pós-moderno e a flexibilidade com que o currículo é tratado atualmente, Veiga (2008) destaca que a educação testemunha as maiores e mais significativas mudanças no currículo escolar desde a sua criação, no final do século XVI, tendo em vista que este documento desempenha um papel crucial na formação das identidades dos indivíduos. Desse modo, de acordo com o autor, o currículo pode contribuir tanto para a reprodução de padrões restritivos quanto para a promoção de uma educação inclusiva, que reconheça e valorize a diversidade e a fluidez identitária dos estudantes. Nesse sentido, Veiga evidencia a importância das alterações curriculares, diante da crise da modernidade líquida, ressaltando que os elementos essenciais no referido documento estão passando por transformações significativas, impulsionadas por análises e propostas inovadoras.

Com efeito, a dinâmica educacional deve ir além de visões fixas e estereotipadas de identidade, de forma a promover espaços de diálogo e reflexão, no qual os estudantes sejam preparados para lidar com as múltiplas identidades presentes na sociedade contemporânea. A compreensão da fluidez e mutabilidade das identidades, conforme apontada por Bauman, auxilia na criação de um ambiente acolhedor, no qual cada aluno se sinta valorizado em sua singularidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, o estudo ressalta a importância fundamental da memória coletiva na construção da identidade individual e consequentemente no despertar de um senso de pertencimento do aluno pela instituição de ensino. Assim, as lembranças desempenham um

papel crucial na conexão com o passado, consolidando as identidades individuais e reforçando o sentimento de pertença.

No contexto educacional, o artigo é um convite à reflexão sobre os desafios enfrentados pela educação em um mundo onde as identidades são cada vez mais fluidas e mutáveis, impactando diretamente o pertencimento dos alunos. Compreender as implicações dessas mudanças na formação dos estudantes no processo acelerado pela globalização, é de suma importância para educadores e pesquisadores que buscam adaptar suas práticas educacionais, a um ambiente em constante transformação.

Nesse contexto, as teorias de Zygmunt Bauman e Stuart Hall são fundamentais para a compreensão da complexidade das identidades líquidas no ambiente escolar e emergem como direcionamento para o confronto com a diversidade, tendo em vista que ao mesmo tempo que apontam para as implicações adversas, vislumbram para novas possibilidades.

Para tanto, é fundamental que as escolas proporcionem um ambiente acolhedor e inclusivo, onde os estudantes se sintam parte integrante do espaço educativo e sejam valorizados como indivíduos. Além disso, promover atividades que abordem a história, a memória e a identidade institucional facilita o engajamento dos alunos, fortalecendo seu senso de pertencimento pelo ambiente educacional.

Desse modo, ao reconhecer a ligação intrínseca entre memória, identidade e pertencimento, a escola desempenha um papel relevante no fortalecimento da identidade dos alunos e no desenvolvimento de um senso sólido de pertencimento. Estratégias pedagógicas voltadas para atividades que valorizem e explorem esses elementos, juntamente com a participação ativa dos estudantes, favorecem a criação de um ambiente educativo motivador.

No entanto, é importante destacar que embora a questão da identidade, como observa Zygmunt Bauman, ser o “papo do momento”, ainda há uma lacuna significativa em pesquisas que relacionam essas questões com o contexto escolar. Pouco se sabe sobre como a fluidez das identidades afeta os estudantes em suas singularidades ou como essas transformações podem entrar em conflito com o desenvolvimento de um senso de pertencimento à instituição. Portanto, para futuras pesquisas, sugere-se uma investigação mais aprofundada e a busca por estratégias pedagógicas específicas que abordem a questão da memória, identidade e pertencimento no contexto escolar. Além disso, é importante explorar como as escolas podem incorporar, de maneira prática, o reconhecimento desses elementos em suas práticas diárias, visando promover

uma educação mais sensível às experiências e identidades individuais, fortalecendo assim o sentimento de pertencimento.

Em última análise, espera-se que o estudo contribua para que se integre, de forma mais significativa, os fatores relacionados à memória, identidade e pertencimento no currículo educacional, especialmente em tempos de modernidade líquida, promovendo, assim, a inclusão desses elementos, como variáveis a serem inseridos no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo; BRACHT, Valter. **Bauman & a Educação**. Belo Horizonte, Autêntica 2009. *E-book*. (Coleção Pensadores & Educação).

BARBOSA, Marialva Carlos. História e Memória como Processo de Reflexão e Aprendizado. In: MARCHIORI, Marlene (org.). **Memória e História**. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2013. *E-book*.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 1 ed. Zahar. 2005. *E-book*.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. 1ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

CARVALHO, Mauro. A Construção das Identidades no Espaço Escolar. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v.20, n1, 2012, p. 209-227. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2161>. Acesso em 30 mar. 2023. DOI: <https://doi.org/10.17058/rea.v20i1.2161>.

CAVEJON, Thalissa. Educação Brasileira na Modernidade Líquida: A Desigualdade Social e os Impactos na Escola. In: **Anais Eletrônicos do IV Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação: Desafios Contemporâneos das Sociedades Ibero-Americanas**, v.4, 2021. Criciúma, Anais. Criciúma, 2021, p.28-35. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/congressoeducacao/article/view/6995/5906>. Acesso em: 25 mar. 2023.

COSTA, Bruno Marcelo de Souza. A Escola como Espaço de Memórias e Formação de Identidade(s). **Movendo Ideias**. v. 18, n. 2, 2013, p. 22-26. Disponível em: <http://revistas.unama.br/index.php/Movendo-Ideias/issue/view/59>. Acesso em: 22 abr. 2023.

COSTA, Clarice Nunes Ferreira; MONTEIRO, Alexandrina; MASCIA, Marcia Aparecida Amador. A. O jovem da modernidade líquida na escola da modernidade sólida: uma discussão sobre a individualização do sujeito. **Horizontes**, v. 29, n. 1, p. 121-131, 2011, p. 121-131.

Disponível em: https://lyceumononline.usf.edu.br/webp/portaUSF/revistas/horizontes/V29-n1-2011/uploadAddress/revista_horizontes_vol29_num01_2011_artigo12%5B18958%5D.pdf . Acesso em: 30 de maio 2023.

DUVIGNAUD, Jean. Prefácio. In: **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990 [1968]. s.p. *E-book*. Disponível em: <https://elivros.love/livro/baixar-a-memoria-coletiva-maurice-halbwachs-epub-pdf-mobi-ou-ler-online> . Acesso em: 24 fev. 2023.

GONÇALVES, Janice. Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural. **Historiae**, Rio Grande, v. 3 n. 3, (2012). Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/3260> . Acesso em: 03 jun 2023.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990 [1968]. *E-book* (173 p.). ISBN 85-7115-038-9. Disponível em: <https://elivros.love/livro/baixar-a-memoria-coletiva-maurice-halbwachs-epub-pdf-mobi-ou-ler-online> . Acesso em: 24 fev. 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão, et al. Campinas, SP: UNICAMP, 1990, (Coleção Repertórios). *E-book*. <https://drive.google.com/file/d/1PdVbB-kp33Ct4eehnNWz-CJrCsfpTZIp/view> . Acesso em: 30 jul. 2022.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a Problemática dos Lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. In: Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, junho 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/issue/view/851> . Acesso em: 20 abr. 2023.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/276> . Acesso em: 2 maio 2023.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-215. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/276> . Acesso em: 2 maio 2023.

PORCHEDDU, Alba. Zygmunt Bauman: Entrevista sobre a Educação. Desafios Pedagógicos e Modernidade Líquida. Tradução: Neide Luzia de Rezende e Marcello Bulgarelli. **Cadernos de Pesquisa**, v.39, n.137, p.661-684, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/i/2009.v39n137/> . Acesso em: 18 abr. 2023.

SANTOS, Juliana Cardoso dos; VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Memória institucional e memória organizacional: faces de uma mesma moeda. **Perspectivas em Ciência da Informação**. V.26, número 3, p. 208-235, set/2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/36235> . Acesso em: 06 maio 2023.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. Histórias e Memórias: Elementos Constitutivos da Expressão e da Compreensão de Culturas nas Organizações. In: MARCHIORI, Marlene (org.). **Memória e História**. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2013. *E-book*.

VEIGA-NETO, Alfredo. Crise da modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle. **Revista de Ciências da Educação**. N 7, p. 141-149. set/dez 2008. Disponível em: <https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/04/veiga-neto-modernidade-e-curriculos.pdf> . Acesso em: 15 maio 2023.